

**A CONSTRUÇÃO DA DEMANDA DO PROCESSO ANALÍTICO INFANTIL**

**THE CONSTRUCTION OF DEMAND FOR THE CHILDREN'S ANALYTIC PROCESS**

**LA CONSTRUCCIÓN DE LA DEMANDA DEL PROCESO ANALÍTICO INFANTIL**

 10.56238/ramv20n15-014

**Murilo Vieira Rodrigues**

Especialista em Psicanálise

Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise Portalles

E-mail: [psicmurilovieira@gmail.com](mailto:psicmurilovieira@gmail.com)

**Célia Karolina Couto Castro**

Especialista em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial

Instituição: Faculdade Anhanguera Pitágoras Betim

E-mail: [celiacastro45942@gmail.com](mailto:celiacastro45942@gmail.com)

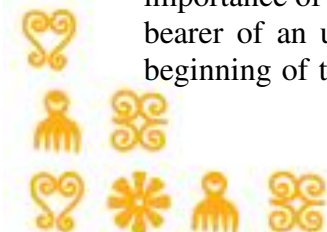
**RESUMO**

O presente artigo, de caráter qualitativo e baseado em revisão bibliográfica, tem como objetivo compreender o processo de construção da demanda na psicanálise infantil, diferenciando a queixa apresentada pelos pais do sintoma manifestado pela criança, e a demanda da própria criança. A partir de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, como Freud, Winnicott, Melanie Klein e Anna Freud, foi discutido a importância da escuta analítica voltada para o sujeito-criança, reconhecendo-o como portador de um desejo inconsciente e singular. O estudo evidencia que, na clínica infantil, o início do processo analítico não se estabelece pela queixa dos responsáveis, mas pela possibilidade de transformação dessa queixa em uma demanda que represente o desejo da criança. Destaca-se o papel do brincar como principal meio de comunicação e via de expressão simbólica do inconsciente, permitindo ao analista acessar conteúdos psíquicos que não se manifestam pela fala. Foi possível observar que a construção da demanda na psicanálise infantil ocorre a partir de uma escuta sensível e ética, que acolhe o sofrimento da criança e possibilita a elaboração simbólica de suas vivências, tornando o espaço analítico um campo de subjetivação e de constituição do sujeito.

**Palavras-chave:** Psicanálise Infantil. Construção da Demanda. Brincar. Desejo Inconsciente. Clínica Psicanalítica.

**ABSTRACT**

This qualitative article, based on a literature review, aims to understand the process of constructing demand in child psychoanalysis, differentiating between the complaint presented by parents and the symptom manifested by the child, and the child's own demand. Based on a literature review grounded in classic and contemporary authors such as Freud, Winnicott, Melanie Klein, and Anna Freud, the importance of analytical listening focused on the child-subject was discussed, recognizing them as the bearer of an unconscious and unique desire. The study shows that, in child clinical practice, the beginning of the analytical process is not established by the complaint of the caregivers, but by the



possibility of transforming this complaint into a demand that represents the child's desire. The role of play as the main means of communication and symbolic expression of the unconscious is highlighted, allowing the analyst to access psychic contents that are not manifested through speech. It was observed that the construction of demand in child psychoanalysis occurs through sensitive and ethical listening, which welcomes the child's suffering and enables the symbolic elaboration of their experiences, making the analytical space a field of subjectivation and constitution of the subject.

**Keywords:** Child Psychoanalysis. Construction of Demand. Play. Unconscious Desire. Psychoanalytic Clinic.

### RESUMEN

El presente artículo, de carácter cualitativo y basado en una revisión bibliográfica, tiene como objetivo comprender el proceso de construcción de la demanda en el psicoanálisis infantil, diferenciando la queja presentada por los padres del síntoma manifestado por el niño, y la demanda del propio niño. A partir de una revisión bibliográfica basada en autores clásicos y contemporáneos, como Freud, Winnicott, Melanie Klein y Anna Freud, se discutió la importancia de la escucha analítica centrada en el niño-sujeto, reconociéndolo como portador de un deseo inconsciente y singular. El estudio muestra que, en la clínica infantil, el inicio del proceso analítico no se establece por la queja de los responsables, sino por la posibilidad de transformar esa queja en una demanda que represente el deseo del niño. Se destaca el papel del juego como principal medio de comunicación y expresión simbólica del inconsciente, permitiendo al analista acceder a contenidos psíquicos que no se manifiestan a través del habla. Se pudo observar que la construcción de la demanda en el psicoanálisis infantil ocurre a través de una escucha sensible y ética, que abraza el sufrimiento del niño y posibilita la elaboración simbólica de sus experiencias, haciendo del espacio analítico un campo de subjetivación y constitución del sujeto.

**Palabras clave:** Psicoanálisis Infantil. Construcción a Demanda. Para Jugar. Deseo Inconsciente. Clínica Psicoanalítica.



## 1 INTRODUÇÃO

O caso clínico do Pequeno Hans publicado por Freud em 1909 estabelece o início da clínica psicanalítica com crianças, proporcionando a expansão da aplicabilidade analítica inicialmente formulada e direcionada aos adultos, identificando a similaridade das realidades psíquicas quanto às suas angústias, fantasias e desejos. (COSTA, 2010)

Os aspectos da sexualidade infantil, norteadora do desenvolvimento freudiano, por mais que fossem negadas culturalmente por educadores e pais à época, sabiam da sua existência, mas consideravam-na como “traquinagens pueris” (GUELLER; SOUZA, 2020)

Levantou-se, ainda nos tempos de Freud, questionamentos sobre a aplicabilidade do método psicanalítico em crianças, uma vez que eram requeridos a associação livre e a transferência em sua constituição (GUELLER; SOUZA, 2020), porém, o atendimento de Hans desenvolvido por Max Graf, seu pai, sob a supervisão de Freud, demonstrou as condições necessárias para que o atendimento psicanalítico se configure como tal, sendo evidenciado a construção da demanda, transferência e interpretação. (COSTA, 2010)

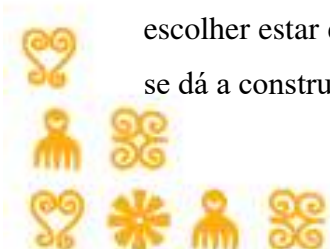
No que toca à construção da demanda, ponto inicial do percurso analítico, o atendimento voltado ao público infantil tem um diferencial, pois, é comum que essa seja inicialmente proposta pelos pais ou aqueles que ocupam o lugar do cuidado, tendo por desejo inicial o alívio do sofrimento manifesto na criança. (COSTA, 2010)

O desenvolvimento da teoria psicanalítica principalmente pós-freudiana com Melanie Klein, Anna Freud e Winnicott estabeleceram as formas como se dá a construção da demanda na clínica psicanalítica infantil, a partir do sofrimento manifesto no paciente, sintoma, para além das demandas inicialmente propostas pelos pais, e é sobre esse ponto que o presente estudo se debruça.

Essa pesquisa justifica-se pelo estudo da construção da demanda do processo analítico a partir do sintoma da criança diferenciando-a daquela exposta pelos pais ou seus substitutos quando buscam a análise para seus filhos. Segundo Costa (2010) a diferenciação da demanda analítica é necessária, uma vez que a angústia que os pais vivem nem sempre coincidem com aquelas apresentadas pelo paciente infantil.

A relevância desse estudo consiste na revisão bibliográfica acerca da estruturação da demanda analítica infantil, e o lugar dos pais, na formulação da angústia, como uma oportunidade de contribuição aos analistas infantis em proporcionar uma escuta a seu paciente que acolha seu modo de expressão, falado ou não, numa forma de linguagem que sobressai ao dito.

Tendo em vista que a construção da demanda analítica infantil foi questionada desde o início, pois nem sempre a criança possui consciência do seu sofrimento e, portanto, apresenta dificuldade em escolher estar em processo analítico (COSTA, 2010) esse artigo buscou responder à pergunta “Como se dá a construção da demanda do processo analítico infantil?” enquanto problema central. Possui por



objetivo geral analisar como se dá a construção da demanda no processo analítico a partir dos sintomas apresentados pela criança, para além das queixas proporcionadas pelos pais, e objetivos específicos, entender como se dá o processo de transformar a queixa dos pais em demanda de análise, refletir sobre o papel do analista na escuta do desejo da criança além da queixa parental e esclarecer como o brincar se torna técnica de acesso ao inconsciente infantil na construção da demanda analítica.

Assim, compreender a construção da demanda analítica infantil é reconhecer que a entrada da criança em análise não se dá de modo espontâneo, mas mediada pela demanda de um outro. Nesse contexto, o presente estudo propõe-se a analisar como essa demanda se constitui, a partir do sintoma da e na criança, em uma demanda própria, que possibilita a emergência do sujeito no processo analítico.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida a partir do método de revisão bibliográfica, que segundo Severino (2013, p.106) consiste na pesquisa de registros anteriores disponíveis, “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”.

O estudo se configurou como qualitativo, ou seja, não se atém a coleta de dados quantificáveis, mas propõe a interpretação dos dados coletados por meio da revisão bibliográfica e permite que as proposições do autor sejam expressas em conformidade com o estudo realizado. (PEREIRA, 2018)

A seleção de fontes para pesquisa se deu a partir da base de dados acadêmicas como Scielo, Google Acadêmico. Foram priorizados artigos publicados entre 2020 a 2025, que abordam a psicanálise infantil e a construção da demanda em seus atendimentos, porém, foram considerados ainda livros especializados em psicanálise infantil de editoras que se tornaram referência no conhecimento psicanalítico como Artmed, Zahar, Artesã e Blucher.

Para garantir uma base teórica sólida, além das publicações mais recentes, o estudo também considerou autores clássicos que abordam o tema.

### **2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da observação das pacientes históricas Freud desenvolveu a técnica analítica como possibilidade terapêutica, sendo nesse momento elaborados axiomas que persistiriam no desenvolvimento da psicanálise como ciência.

Segundo Costa (2010, p.14) “os sintomas histéricos decorriam das fantasias impregnadas de desejo. Portanto, a realidade psíquica era a determinante, e não a realidade factual”. Dessa forma, a clínica desenvolvida passou a dar atenção ao discurso do analisando, não pela busca do resgate das



vivências factuais, mas na construção da realidade psíquica, constituída pelos desejos inconscientes de um sujeito desejante desde a sua infância, permeado de fantasia, e marcado pela sexualidade infantil.

A autora ainda ressalta em sua obra a alteração do conceito de infância nos séculos XIX e XX, demonstrando que o tempo cronológico já não era mais o determinante, mas a lógica inconsciente. (p.14)

Dessa forma, o desenvolvimento da psicanálise, não era descontextualizada à realidade social que permeava o seu tempo de consolidação, e não desconsidera a realidade psíquica do analisando, o que promove seu caráter científico atemporal e que permite utilizar dos conceitos freudianos na fundamentação clínica atual.

Blinder, Knobel e Siquier (2011, p.233) esclarecem diferenças no entendimento da criança como sujeito analisado, dotado de desejos e fantasias, mas marcado por “não possuir um Superego, não tolera os métodos de associação livre, e a transferência desempenha outro papel, já que os progenitores reais continuam presentes”.

A clínica psicanalítica desenvolvida por Freud com pacientes adultos, fora provocada pelo caso de Hans, uma criança analisada por seu pai, com a supervisão de Freud, o que ressaltou a universalidade da aplicabilidade da ciência neófito, inaugurando sua atuação com crianças. Desse caso, segundo Costa (2010, p.18-19) “estabeleceram-se os três parâmetros indispensáveis para que uma análise seja possível, ou seja, a demanda, a transferência e a interpretação”.

O estudo que ora se desenvolve debruça sobre a demanda do processo analítico infantil, e sobre tal perspectiva, Veloso (2022, p.1) esclarece que

“As crianças chegam para análise devido a demanda de um outro, na maioria das vezes pais, responsáveis legais ou indicação da escola. Logo, o analista deve propiciar que a criança construa sua própria demanda e que a escuta seja de uma forma múltipla e diversa. Nesse contexto, é necessário que o psicanalista de criança não tenha somente conhecimento da técnica e da teoria, mas, sobretudo, possua a disposição para brincar e habilidade para compreender o mundo simbólico infantil, que é de fundamental importância para que a criança alcance sua cura.”

Na clínica psicanalítica infantil, a demanda inicial dada pelos pais, não necessariamente correspondem à demanda da criança. Lidar com a dupla demanda, de dirimir a angústia dos pais mediante a expectativa do manejo do filho, e da criança de atenuar o sintoma manifesto para que não lhe seja causa de sofrimento, permanece sendo um desafio ao analista.

Lang (2009, p.1) ressalta a importância do lugar do outro e o impacto em como as crianças chegam para análise, evidenciando que



uma criança não chega sozinha no consultório. O encaminhamento, a queixa, sempre parte de um terceiro, sejam os pais, ou apenas um deles, a escola, o pediatra, etc., e neste caso, a necessidade de avaliarmos nas entrevistas iniciais estes dois pontos: de quem é a demanda e qual é a demanda. Nem sempre a demanda inicial é a demanda real, o cuidado de não permanecermos no material manifesto, analisando o que está latente neste pedido é uma das grandes diferenças entre a psicanálise e as psicoterapias.

Dessa forma, o acolhimento da demanda do outro, nas entrevistas iniciais se faz importante, porém não determinante para a condução do processo analítico da criança, uma vez que essa ocupa o lugar de analisando e possui sua própria realidade psíquica, inclusive afetada por aqueles que a levaram para análise.

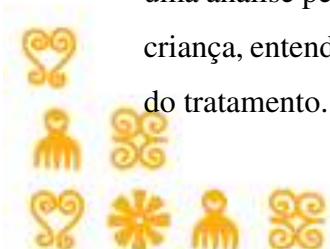
Blinder, Knobel e Siquier (2011, p.231) remontando o lugar dos pais dentro da análise infantil, traz à tona a dicotomia entre os seguidores de Malenie Klein e Anna Freud. A primeira entende que “o tratamento analisará com a criança as imagos parentais internalizados. Os pais que levam um filho para tratamento são meros transportadores”, já a segunda, coloca os pais no lugar de “educadores de seus filhos, que se deverá formar, instruir, aconselhar.”

Os mesmos autores, porém, entendem que indiferente da escola psicanalítica, o lugar dos pais com suas demandas, podem ser justamente a marca da resistência externa da criança, como uma externalização do Superego ainda não constituído. Essa resistência dos pais, “podem ser, e de fato o são, as principais causadoras dos tratamentos de crianças que se interrompem de forma drástica, ou inclusive, de alguns tratamentos que nem se quer podem chegar a começar.” (BLINDER, KNOBEL E SIQUIER, 2011, p.233-234)

Dessa forma, percebe-se a importância do acolhimento dos pais na análise infantil, pois a criança enquanto sintoma manifesto de resistências da família, precisam dirimir suas angústias, para que o paciente possa se expressar sem que a ameaça do Outro estabeleça forças sobre ela. Nesse processo, a criança vai se constituindo como sujeito, e se colocando como desejante, dando espaço às fantasias, e à linguagem, começa a estabelecer suas próprias demandas, criando uma possível separação dos pais.

Esse acolhimento aos pais, segundo Blinder, Knobel e Siquier (2011, p.238) é um momento especial da clínica psicanalítica infantil, pois existe um medo, “relacionado à ferida narcísica que informa o reconhecimento de que alguma coisa não funciona bem no filho e com o filho”. Daí surge a resistência permeada da culpa de ser responsabilizado pelo sofrimento da criança, e avaliado por um profissional que ocupa o lugar do Suposto saber.

A demanda dos pais, por vezes, precisará de ser construída também junto ao analista infantil, dando espaço para seu acolhimento e expressão de angústias, podendo inclusive, sugerir que busque uma análise pessoal, caminho esse trilhado em consonância com a constituição da demanda da própria criança, entendendo que essa tríade indissociável – pais, criança, analista – é necessária para o percurso do tratamento.



Fink (2017, p.17) esclarece que “a primeira incumbência do psicanalista é escutar e escutar cuidadosamente” suspendendo julgamentos ou interpretações imediatistas e dando espaço para que o conteúdo inconsciente se expresse tão fluido quanto possível, diminuindo as influências dos mecanismos de defesa. Como técnica para essa escuta, então, sugere que essa se paute na atenção flutuante.

Para conceituar esse tipo de atenção que possibilita ouvir para além do conteúdo do dito, o autor diz que

“Não é um tipo de atenção que se prende a uma determinada afirmação que o paciente faz e—na tentativa de gravá-la na mente, analisá-la profundamente ou ligá-la a outras coisas—acaba perdendo o que mais o paciente disse. É muito mais uma atenção que flutua de ponto a ponto, de afirmação em afirmação, sem necessariamente procurar tirar conclusões a partir desses pontos, interpretá-los, unificá-los ou somá-los. É uma atenção que compreende no mínimo um nível de significado e consegue ouvir todas as palavras e a maneira como são pronunciadas, incluindo velocidade, volume, entonação, emoção, deslize, hesitação, e assim por diante.

No atendimento infantil, essa atenção perpassa então todas as formas de linguagem que o paciente traz consigo para o setting analítico, pois a depender da idade, histórico, contexto inserido, cultura e predominância dos mecanismos de defesa do ego e outras variáveis, a linguagem verbal não será a principal manifestação do inconsciente, mas a angústia se mostrará a partir do comportamento evidenciado de forma prioritária nas brincadeiras.

Ventura e Mendes (2023), remontando o pensamento winnicottiano, esclarece o papel fundamental do brincar “a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros”.

Segundo as autoras acima mencionadas, a brincadeira é a forma de expressão da criança em análise, mas também possui uma função educativa, na qual o sujeito passa dizer de si, por outros meios que não o dito verbalmente. Esclarecem ainda que “no brincar, a fantasia se transforma em criatividade, facilitando o crescimento e a saúde.”

Brincar, sob o olhar da psicanálise, já não é simples atividade pueril, mas carrega os significados da criança e os elementos de sua vida para dentro do consultório, permitindo ao analista adentrar a seu mundo, por vias, que tocam com menor interferência dos mecanismos de defesas do ego os conteúdos inconscientes. A brincadeira, se torna comunicação, o brincar do terapeuta junto ao paciente se torna escuta. (VENTURA e MENDES, 2023)

Quando é oportunizada a brincadeira o analista passa a perceber as formas de relação da criança consigo mesmo e com o mundo a partir da interação observada,

“Com a brincadeira a criança vai a aprender a lidar com a agressividade e cria um mundo próprio, situando as coisas do seu mundo numa nova maneira, proporcionando prazer para ela. Mesmo que diferencie o brincar da realidade, não consegue saber o limite entre um e outro, gosta e precisa apoiar os objetos e situações imaginando em objetos tangíveis e visíveis da realidade. (VENTURA e MENDES, 2023, p. 228) É através da brincadeira que a criança processa o mundo externo e projeta os seus conteúdos internos.



A clínica psicanalítica infantil, portanto, mesmo que receba seus pacientes por indicação ou necessidade de terceiros, possui recursos para que transforme a queixa desses em demanda analítica, porém, para que isso seja possível, a criança precisa ser vista e escutada como sujeito desejante, e não como aquele que carrega a demanda do outro e nela depositada o sintoma manifesto.

A psicanálise infantil constrói a demanda analítica para além do conteúdo manifesto, e a partir da brincadeira, remonta o conteúdo latente no inconsciente levando em conta sua própria realidade psíquica. Assim, a brincadeira, se torna ferramenta de elaboração, e trabalho psíquico da criança.

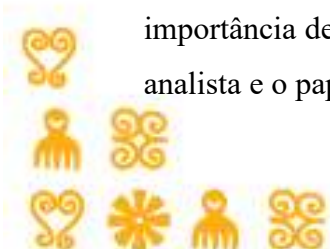
Portanto, a construção da demanda na psicanálise infantil depende da capacidade do analista de sustentar uma escuta que vá além da queixa parental, acolhendo o sintoma da criança como mensagem do inconsciente. O brincar, nesse contexto, revela-se como o principal instrumento de mediação simbólica entre o analista e o sujeito em constituição, permitindo que o desejo se inscreva na palavra e a criança assuma um lugar ativo em sua própria análise.

### 3 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender o processo de construção da demanda no contexto da psicanálise infantil, diferenciando a queixa dos pais do sintoma apresentado pela criança. Observou-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que foi possível demonstrar que a entrada da criança em análise não se dá de forma espontânea, mas mediada por um outro, e que cabe ao analista transformar essa queixa inicial em uma demanda que traduza o desejo inconsciente da criança. Evidenciou-se também que a escuta analítica, ao reconhecer a criança como sujeito desejante, torna-se o ponto de partida para a constituição da demanda propriamente analítica.

O estudo permitiu compreender que a construção da demanda infantil ocorre por meio de um trabalho cuidadoso do analista em sustentar uma escuta ética e sensível, que não se limita ao discurso parental, mas acolhe o brincar como linguagem simbólica e via de expressão do inconsciente. O brincar, nesse contexto, configura-se como o instrumento fundamental de comunicação e elaboração psíquica, permitindo que a criança manifeste seus conflitos e desejos de maneira criativa. Dessa forma, o espaço analítico se consolida como um campo de subjetivação, no qual o sujeito-criança encontra possibilidade de se constituir a partir de sua própria experiência de desejo.

Como limitações deste estudo, destaca-se o fato de basear-se exclusivamente em revisão bibliográfica, o que restringe a análise a um campo teórico. Recomenda-se que pesquisas futuras possam ampliar a investigação por meio de estudos de caso ou observações clínicas, a fim de aprofundar a compreensão sobre o processo de construção da demanda na prática psicanalítica com crianças. Ainda assim, o trabalho contribui para o campo da psicanálise infantil ao reafirmar a importância de uma escuta que vá além da queixa parental, promovendo reflexões sobre a posição do analista e o papel fundamental do brincar na constituição do sujeito em análise.



## REFERÊNCIAS

BLINDER, Carlos; KNOBEL, Joseph; SIQUIER, María Luisa. **Clínica psicanalítica com crianças**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011

COSTA, Theresinha. **Psicanálise com Crianças**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica**: uma abordagem lacaniana para praticantes. Trad. Carolina Luchetta, Beatriz Aratangy Berger. São Paulo: Blucher, 2017

GULLER, Adela Stoppel de; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. **Psicanálise com crianças**. 2 ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2020.

LANG, A. S. **Infância e psicanálise**. Faculdade Integrada Tiradentes. Maceió, 2009. Disponível em: [https://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/235.%20inf%C2%82ncia%20e%20psican%C3%A1lise.pdf](https://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/235.%20inf%C2%82ncia%20e%20psican%C3%A1lise.pdf) Acesso em 12 mai. 2025

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Darlivate Moreira; PARREIRA, Fábio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da pesquisa científica**. 1ed. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018. Ebook disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf) Acesso em 12 mai. 2025

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013. Ebook. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Cient%C3%ADfico\\_-1%C2%AA\\_Edi%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Antonio\\_Joaquim\\_Severino\\_-\\_2014.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf). Acesso em 03 mar. 2025

VELOSO, Kelly Tainara Silva. Escuta e aprendizado: psicanálise infantil na prática. *Revista Miesperanza Científica*, v. 2, n.2, p. 1-11, 2022. Disponível em: <http://www.miesperanza.periodikos.com.br/ed/628e4533a953956f22515c62> Acesso em 03 mar. 2025

VENTURA, Luciana Carlos Pinto; MENDES, Allyne Evellyn Freitas Gomes. O brincar como recurso terapêutico na compreensão da psicanálise winnicottiana. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 2, p. 226-238, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8404> Acesso em: 12 mai. 2025

